

Fundação Getulio Vargas

Veículo: O Estado de S.
Paulo - SP

Data: 21/08/2022

Tópico: FGV Social

Página: Capa/B2

Editoria: ECONOMIA &
NEGÓCIOS

Celso Ming ...B2

**Estatísticas mostram:
Brasil ficou mais pobre**



Celso Ming celso.ming@estado.com

O Brasil ficou mais pobre

As estatísticas oficiais já demonstram o que se vê nas ruas, praças e semáforos das grandes cidades: a pobreza avançou por aqui.

Nem mesmo a tal PEC Kamikaze, criada para turbinar benefícios sociais às vésperas das eleições, consegue melhorar a situação de penúria que milhões de brasileiros vêm enfrentando.

Esse pacote de R\$ 41,2 bilhões destina R\$ 26 bilhões para o Auxílio Brasil, que teve a parcela mensal elevada de R\$ 400 para R\$ 600, e incluiu mais 2,2 milhões de famílias na folha de pagamento do programa social, que agora contempla 20,2 milhões de famílias, menos do que as 22 milhões de famílias em situação de extrema pobreza (ren-

da per capita mensal de até R\$ 105) e de pobreza (renda per capita entre R\$ 105,01 e R\$ 210 por mês) inscritas no CadÚnico.

O crescimento medíocre dos últimos anos no Brasil se agravou com a pandemia. Entre 2019 e 2021, o orçamento familiar de 9,6 milhões de pessoas recuou para a linha de pobreza, como aponta o estudo *Mapa da Nova Pobreza* da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). O ano de 2021 se encerrou apontando 62,9 milhões (29,6% da população total) com renda per capita de até R\$ 497 mensais (veja o gráfico) – o maior nível da série histórica iniciada em 2012.

No mesmo período, a ONU registra que 15,4 milhões de pessoas (7,3% da população) viviam



sob insegurança alimentar grave no País, ou seja, quando passam um dia inteiro ou mais sem

consumir qualquer tipo de alimento. Com base nesses dados, o Brasil voltou a figurar no Mapa da Fome da instituição.

A situação nos centros urbanos é ainda pior. Entre 2014 e 2021, o percentual da população que enfrenta condições de pobreza subiu de 16,0% para 23,7% nas metrópoles brasileiras, o que corresponde a 19,8 milhões de pessoas. Desses, 3,8 milhões foram jogados nessas condições somente entre 2020 e 2021, conforme consta no 9.º *Boletim Desigualdade nas Metrópoles*, elaborado por pesquisadores da PUC-RS e da UFRJ.

Esses números mostram que é preciso uma política de Estado para reduzir a pobreza, o que não se consegue apenas

com distributivismo social.

Em estudo recente, o Banco Mundial indicou o que precisa ser feito para o Brasil “acelerar o crescimento econômico e recuperar o progresso social”. Entre as ações propostas estão: políticas para aumentar a produtividade e formação da força de trabalho do futuro; fortalecimento do sistema de saúde; políticas para acelerar a inclusão financeira e digital da população vulnerável; e melhora nas ações de transferência de renda.

Isso demonstra que, neste momento, a batalha contra a fome e a pobreza é mais importante do que a batalha pela igualdade. ● /COM PABLO SANTANA

COMENTARISTA DE ECONOMIA